
Textos jornalísticos de editoria de saúde como suporte na prática de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental¹

Maria Cristina Silva RAMOS²
Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O artigo apresentará um recorte de uma pesquisa sobre o uso de textos jornalísticos de editoria de saúde como suporte da prática de ensino-aprendizagem com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. A metodologia será qualitativa, exploratória e interpretativa, tendo a roda de conversa como aliada, focando na discussão sobre os conceitos de saúde e bem-estar veiculados pelas matérias jornalísticas e sua relação com os Determinantes Sociais de Saúde sobre o comportamento e a saúde do indivíduo. Espera-se alcançar entendimento pelo aluno sobre o conteúdo trabalhado, além de trocas de conhecimentos prévios e enciclopédicos na roda de conversa.

PALAVRAS-CHAVE: jornal; saúde; ensino-aprendizagem.

JORNAL, SAÚDE E ESCOLA EM FOCO

O artigo apresentará um recorte de uma pesquisa sobre o uso de textos jornalísticos de editoria de saúde como suporte da prática de ensino-aprendizagem na Educação Básica. O foco aqui se volta para os conceitos de saúde e bem-estar veiculados pelas matérias jornalísticas e sua relação com os Determinantes Sociais de Saúde sobre o comportamento e a saúde do indivíduo. Segundo Czeresnia *et al.* (2013, p. 13), citando Canguilhem (1995), “não há saúde perfeita ou bem-estar absoluto, as perturbações fazem parte da vida”, por isso, entende-se que dialogar sobre elas é relevante desde cedo.

Dado o recorte, será preciso entender um conceito efetivo de saúde, enunciando, para tal, a prevalência dos Determinantes Sociais de Saúde (DSS). Segundo Buss e Filho (2007, p. 78), os DSS apontam que “as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde”.

Os DSS são a realidade em que vive o sujeito. Se é em área segura ou de comunidade. Se o indivíduo é um trabalhador ou está desempregado. Se a pessoa sofre preconceito, bullying ou está de bem com a vida. Enfim, os DSS são os órgãos reguladores da qualidade de vida do sujeito, que terá um gradiente positivo, se for alguém

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF - RJ, e-mail: cristina.ramos22@hotmail.com.

bem resolvido consigo mesmo e com o estilo e circunstância de vida que leva, ou um gradiente negativo, potencializando sua propensão ao adoecimento.

O direito à saúde, nesse sentido, é um dever do Estado para com o cidadão e visa não apenas afastar doenças, mas também garantir o desenvolvimento saudável da população. Destaca-se que a Constituição da República Federativa do Brasil (CF/88), promulgada em 5 de outubro de 1988, consagrou pioneiramente o direito social à saúde como direito e dever fundamental da pessoa humana e, além de reconhecer tal direito como fundamental, previsto genericamente no art. 6º, juntamente com outros direitos fundamentais sociais, definiu também os princípios norteadores da política pública da saúde (artigos 196 a 200).

Apresenta-se para esta discussão que o art. 196 da Carta Magna aponta que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação”. Percebe-se, com base nessa breve discussão, a relação entre Saúde Pública e Direitos Humanos (Asbahr, 2004; Mann, 1996). Nesse sentido, releva-se a definição de saúde como a relação entre saúde e comportamento e correlaciona-se o conceito de saúde às atribuições dos Determinantes Sociais de Saúde.

Com base nestas conceituações que as reportagens publicadas por Cristina Ramos, na Editoria de Saúde de um portal de notícias, o site **eurio.com.br**, foram escolhidas para serem trabalhadas como suporte de ensino-aprendizagem na escola. Por terem estas um tema direcionado para à Saúde Pública e um perfil voltado para o público escolar, principalmente professores e alunos, aproveitou-se do cunho didático para levar estes textos para dentro das salas de aula. O fato de a autora ser profissional da área da Saúde, da Comunicação e da Educação viabilizou o caminho.

Para dar conta do anunciado, então, a metodologia adotada será de cunho qualitativo, exploratório e interpretativo, posto que será desenvolvida em uma roda de conversa com a turma, na qual a escuta, o diálogo, a observação serão necessários (Creswell, 2010; Valladares, 2007). Na atividade pedagógica de leitura de textos jornalísticos a ser desenvolvida com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, serão trabalhados, em sala de aula, separadamente, quatro textos da editoria de saúde do site referenciado: “Estresse, ansiedade e depressão afetam milhões de brasileiros por ano: segundo a OMS, em 2020, serão as maiores causas de incapacitação” (Ramos, 2018a);

“Síndrome de Burnout: insatisfação ou exaustão” (Ramos, 2018b); “Conheça as mudanças súbitas de humor: transtorno é bastante comum e confunde com bipolaridade” (Ramos, 2019a); “Prevenção ao mosquito da Zika, Dengue e Chikungunya tem que durar o dia inteiro: relógio biológico do *Aedes aegypti* é regulado mais pela temperatura do que pela luminosidade ou a hora, segundo a Fiocruz” (Ramos, 2019b).

Para a interpretação dos textos será aplicada uma leitura silenciosa com os alunos. A seguir, já na roda de conversa, uma leitura em voz alta será feita pela professora. E, finalmente, comentários dos estudantes sobre os textos serão trabalhados. Os sujeitos da pesquisa serão as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental. A professora da turma dará orientações sobre a atividade. Ao dar prosseguimento, a professora acionará a estratégia de antecipação a partir da leitura do título da reportagem sobre o que esta notícia deve tratar. Portanto, uma rotina de trabalho será fundamental, além da aquisição de um diário de campo para anotações das observações durante o desenvolvimento das atividades.

Fundamenta o trabalho, entre outros teóricos, Vito (2013), que desenvolve pesquisa semelhante sobre o uso do jornal em sala de aula. O trabalho do autor foi realizado em uma classe de alfabetização, em uma escola pública, localizada no Paraná, na cidade de Araucária, em 2012. O segmento trabalhado pelo autor é uma turma de 3º ano do ensino fundamental, composta por 22 alunos. Vito (2013) enumera o jornal como um excelente meio de comunicação, porque o aluno pode estabelecer uma relação entre conteúdo e realidade, e acrescenta que, por ser o jornal um material constantemente atualizado, gera ao aluno amplas condições de aprendizagem e de conhecimento.

Nessa troca de conhecimentos prévios, fundamenta-se também nas palavras de Bakhtin (2011, p. 294):

Qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão.

Ainda, referencia-se Freinet (1976 *apud* Venâncio 2022, p. 54), que fala sobre a importância do papel do jornalismo ao fazer a mediação entre o aluno e o mundo que o cerca. Ao se retratar a importância do papel do jornal frente as questões aqui delineadas a respeito da ligação entre saúde e comportamento, cita-se Canguilhem (1995 *apud* Czeresnia *et al.*, 2013, p. 13), que afirma o fato das perturbações serem inerentes à vida,

excluindo a existência de perfeição no que tange à saúde e ao bem-estar ou à ideia de saúde como sinônimo de ausência de doença.

Diante do exposto, comenta-se também a não plausibilidade de acatar a definição de saúde, somente, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) de 1946, que classifica saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade”. Para se compreender tal definição atualmente tem que se conceber a relação entre saúde e comportamento e correlacionar o conceito de saúde às atribuições dos Determinantes Sociais de Saúde (DSS).

Por essa razão, aborda-se Buss e Filho (2007), que faz uma alusão à vida e ao trabalho, junto a Dardot e Laval (2016, p. 327), que associam o “sujeito empresarial a um sujeito plenamente disponibilizado e entregue por completo à sua atividade profissional”, executada com perfeição e voltada para a produção excessiva, repercutindo, em consequência, em sua saúde e bem-estar.

Enfim, em busca de elucidar alguns questionamentos, sejam estes atrelados a valores emocionais, à qualidade de vida das pessoas e à saúde dos sujeitos, traz-se para este artigo a relação saúde e comportamento amparados pela área da Comunicação. Ou seja, o texto jornalístico como a materialidade a ser trabalhada dentro e fora da escola.

Com este trabalho, espera-se alcançar entendimento pelo aluno a respeito do conteúdo da reportagem a ser trabalhada em sala de aula, além de trocas de conhecimentos prévios e enciclopédicos resultantes de uma prática de leitura compartilhada feita entre os componentes da turma durante a roda de conversa. Tudo isso elencado à compreensão da relação Direitos Humanos e Saúde Pública aplicada aos textos, além de sua conexão com os Determinantes Sociais de Saúde (DSS), sobretudo ancorados nas questões mentais, ambientais e sociais que influenciam na saúde e no bem-estar dos sujeitos de qualquer faixa etária.

Nesse sentido, em virtude do lugar e do papel tão importantes que a comunicação ocupa e por ser o jornal um guia esclarecedor, traz-se neste artigo um recorte voltado para a relação entre o comportamento do indivíduo e sua saúde e bem-estar, a fim de se conduzir um caminho pedagógico delineado entre o que é lido e assimilado pelo aluno através de um trabalho mediado de leitura, como fio condutor para uma aprendizagem significativa. No entanto, ao se integrar dentro da sala de aula um trabalho coletivo caracterizado pela roda de conversa, que é uma modalidade de ensino muito trabalhada no primeiro segmento do ensino fundamental, retrata-se que:

No arranjo pedagógico da Roda [de conversa], por meio da conversação se problematiza a realidade para que a conscientização possa ocorrer. Uma aprendizagem significativa, vista como a compreensão de significados, que se relaciona às experiências anteriores e vivências pessoais dos aprendizes, permite a formulação de problemas desafiantes que incentivam o aprender mais, o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeando modificações de comportamentos e contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações. (Melo et al., 2016, p. 302).

Ao se trazer uma prática de leitura prévia de matérias jornalísticas para a sala de aula, inicialmente de forma individual, para depois ser compartilhada entre a turma através da leitura em voz alta em uma roda de conversa, pode-se trabalhar com conhecimentos prévios e enciclopédicos dentre as narrativas que as crianças acionam durante a atividade.

De fato, nota-se que a roda de conversa desempenha um papel de acolhimento, de trocas, sendo o “diálogo um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, para complementar, discordar, para concordar com a fala anterior” (Moura e Lima, 2014, p. 98). Para o autor, a roda de conversa recai em mais reflexão, percepção.

Assim sendo, com base nesta proposta de pesquisa, serão abordados como temas conceituais: o tema da Comunicação através do papel do Jornalismo, a sua influência, o seu poder de difusão e seu perfil como ferramenta de ensino em sala de aula.

Em seguida, se dará ênfase a aprendizagem significativa como um alicerce à Pedagogia perante o ensino-aprendizagem.

E por fim, o tema a ser retratado será sobre Saúde e a sua relação com os Determinantes Sociais de Saúde (DSS). Este versará sobre a interrelação presente entre os fatores sociais, econômicos, sexuais, raciais e o quesito saúde/qualidade de vida do sujeito.

Atentando-se para a importância da pesquisa-ação inserida neste trabalho como metodologia, nos deparamos que, na atual conjuntura, enumerada por transformações rápidas e de ampla diversidade de iniciativas sociais, a aplicação da pesquisa-ação assume um papel de grande utilidade, porque identifica e resolve problemas coletivos, além de

atuar na aprendizagem dos atores e pesquisadores envolvidos (Thiollent, 2011 *apud* Picheth *et al.*, 2016).

A “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar à ação que se decide tomar para melhorar a prática” (Tripp, 2005, p. 447 *apud* Picheth *et al.*, 2016).

Enfim, a aplicação da pesquisa-ação como método de pesquisa tem sido atraída por sua diversificação e ampliação de área, sendo a área da educação a que mais comumente aplica este método de pesquisa (Thiollent, 2011 *apud* Picheth *et al.*, 2016).

Portanto, faz-se necessária a aplicação da pesquisa-ação como metodologia nesse trabalho, porque dentre os objetivos voltados para a educação está o de “prover ao professor pesquisador um método para resolver problemas cotidianos no ambiente educacional, a fim de melhorar o processo de aprendizagem do estudante e a efetividade do professor.” (Gay; Mills; Airasian, 2006, p. 499 *apud* Silva e Mentges, 2023, p. 56).

Logo, conclui-se que “o objetivo é dar aos pesquisadores e aos grupos de participantes os meios de se tornarem aptos a responderem, com maior eficiência, aos problemas da situação em que vivem, em particular, sob a forma de diretrizes de ação transformadora”. No entanto, entende-se que a pesquisa-ação não cinge a uma simples descrição da situação, mas delinea um caminho ao encontro de sua transformação.

Considerando que este trabalho aponta a prática de leitura de jornais como modalidade de texto, de acordo com Brandão (2014, p. 18 *apud* Freire, 2022, p. 68), “[...] antes de aprendermos, e ao mesmo tempo em que aprendemos a compreender as palavras faladas e as palavras escritas, estamos sempre aprendendo e reaprendendo as ‘outras linguagens do nosso mundo’. [...]”; isso atrelado ao papel de mediação que os professores exercem perante a relação cotidiana e o saber de mundo.

Portanto, ao se trazer para a sala de aula a notícia de jornal, que se apresenta com uma linguagem objetiva, clara e concisa, evidencia-se a relação do jornal como suporte de ensino e seu posicionamento como a linha mestra da história para este artigo. Ainda mostra que a prática e o convívio com os alunos destaca que o jornal pode ser uma ferramenta de ensino essencial, porque os induz à capacidade de pensar, além de gerar um aprendizado de modo espontâneo, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Para Araújo (2013, p. 3), cabe-nos entender a comunicação como “a capacidade de produzir e fazer circular sua visão de mundo, suas demandas, seus interesses,

capacidade de disputar o poder, de fazer ver e fazer crer e compreender o lugar que ela ocupa e sempre ocupou nesse fortalecimento dos movimentos sociais”.

Por essa razão mostra-se o papel fundamental do jornal enquanto mídia que leva para dentro das casas, das escolas, dos centros, das cidades, dos países, do mundo, a reportagem em tempo real e dentro de sua cotidianidade.

Ainda nesse contexto, Berger e Luckmann (1985, p. 35) ressaltam que “a vida cotidiana se apresenta como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. Portanto, torna-se indiscutível não se relacionar os acontecimentos as questões cotidianas, que, embora sejam pelas lentes jornalísticas um de seus aparatos, também o são pelas suas demandas.

No entanto, Silva (2022, p. 23) nos dá ciência sobre o quanto o “mi, mi, mi” representa perante a vida em sociedade, seja por injúria, manifestação verbal ou depreciação, que nos faz repensar que aquilo que proferimos ao outro, seja por linguagem ou ações, tem um peso mediante a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

Nesse sentido, Silva (2022, p. 23) caracteriza as microagressões como um ponto forte ao preconceito, seja ela em qual formato se apresente. Para o autor “microagressões são ‘ofensas verbais, comportamentais e ambientais comuns, sejam intencionais ou não intencionais, que comunicam desrespeito e insultos hostis, depreciativos ou negativos”.

A comunicação é permeada e ao mesmo tempo constitutiva das relações de poder. Ou seja, é lugar de expressão e embate de diferentes interesses, por isto mesmo lugar de constituição das relações de poder. Não é um processo neutro, nem um lugar neutro, meramente tecnológico, por onde circulam informações. É lugar de interlocução, é prática social e, como toda prática, é determinada e determina as relações de poder. (Araújo, Moreira e Aguiar, 2013, p. 9).

Considerando que as reportagens apresentadas aqui trazem a representação da relação entre os sujeitos e seus Determinantes Sociais de Saúde e que, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU) de 1948, Artigo 12, “Ninguém será sujeito à interferência na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. E que todo ser humano tem direito à proteção da lei contra interferências ou ataques”, enfatiza-se novamente Silva (2022, p. 23) junto a citação de Berger e Luckmann (2014, p. 35), que diz que "a vida cotidiana se apresenta como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de

sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. Para os autores Berger e Luckmann (2014, p. 35), um mundo coerente recai em pensamento e ação dos homens comuns.

Portanto, para Araújo e Cardoso (2007 *apud* Araújo, Moreira, Aguiar, 2013, p. 10):

A comunicação que queremos e precisamos para garantir o direito à saúde, nesta nossa sociedade em que a visibilidade é condição de cuidado, necessita, entre outros movimentos, escutar e entender os silêncios, as ausências, amplificar as vozes historicamente abafadas, entender os sentidos clandestinizados por força das estruturas e práticas autoritárias.

Segundo Araújo, Moreira e Aguiar (2013, p. 10), o papel da comunicação torna-se imperativo em contraponto às vozes contidas.

O agente jornalístico tem como elemento base a construção de um discurso que, independente do seu formato, produza efeitos de sentidos e motivações para reinterpretação do real. Descrever, narrar, expor ou valorar os fatos e episódios impõem formatar o conteúdo de produto jornalístico. Submetê-lo aos parâmetros plurais dos gêneros de texto presentes na construção social da realidade (...) de certa maneira, vai de encontro às possibilidades mais amplas do jornalismo, que tem a finalidade base promover reflexão, ampliar significados, contextualizar os fatos, contribuir para formação de opinião para o público. (Silva e Cerqueira, 2014, p. 14).

Logo, cabe ressaltar, que o Jornalismo se compõe por vários formatos textuais, designados gêneros jornalísticos. E nesse diálogo entre as partes, ou seja, entre os gêneros, consolidam-se ideias, práticas, fundamentando-se em fatos que, ao se apresentarem de forma objetiva, tornam-se informativos. Porém, se porventura aparecerem de forma opinativa, subjetivos o serão. E, se transparecerem apelativos, há de haver um grau político, publicitário ou sensacionalista na condução do percurso.

É inaceitável que, nos tempos de hoje, continue se praticando uma comunicação que fecha os olhos para aquilo que resiste e insiste em clamar, que continue abafando as vozes de uma grande parcela da população, que continue se recusando a mostrar o que continua invisível aos olhos públicos, apesar de sua trágica materialidade: milhões de pessoas que não têm garantido o pleno direito à saúde. (Araújo, Moreira e Aguiar, 2013, p. 9).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007 In: Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4 – Suplemento, fev., 2013.

ARAÚJO, I. S., MOREIRA., A. L., AGUIAR, R. Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4 – Suplemento, fev., 2013[www.reciis.icict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278.

ASBAHR, P. Considerações sobre o Direito Humano à Saúde. **Revista de Direito Sanitário**, v. 5, n. 3, nov. 2004.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Pontes, 2011.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

BUSS, P. M.; FILHO, A. P. A saúde e seus determinantes sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 jul. 2024.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M. G. de S.; OVIEDO, R. A. M. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. 119 p. (Coleção Temas em Saúde).

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo. A fábrica do sujeito neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GAY, L. R.; MILLS, G. E.; AIRASIAN, P. **Educational research: competencies for analysis and applications**. 8. ed. New York: Pearson, 2006 In: SILVA, C. C. C.; MENTGESI, M. J. A. pesquisa-ação como agente transformador na área da educação. **Revista Even. Pedagóg., Sinop**, v. 14, n. 1 (35. ed.), p. 54-69, jan./maio, 2023.

MANN, J. Saúde Pública e Direitos Humanos. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 6 (1/2): 135-145, 1996.

MELO, R. H. V.; FELIPE, M. C. P.; CUNHA, A. T. R. et al. Roda de conversa: uma articulação solidária entre ensino, serviço e comunidade. **Revista brasileira de Educação Médica**, 40 (2): 301-309, 2016.

MOREIRA, V.; GOMES, C. M (Coord.). D. Direito à saúde. Implicações sociais, progresso científico, disponibilidade e qualidade. Módulos sobre questões selecionadas de Direitos Humanos. In: **Compreender os Direitos Humanos. Manual de Educação para os Direitos**

Humanos. CPLP, 2012. Disponível em: <https://igc.fd.uc.pt/manual/pdfs/D.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.-jun., 2014.

OMS. **Prevenção do Suicídio:** Manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000.

PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. **Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s3-s13, dez., 2016.

THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011 In: PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. **Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s3-s13, dez., 2016.

RAMOS, M. C. S. Estresse, ansiedade e depressão afetam milhões de brasileiros. **Eu, rio**, Rio de Janeiro, 25 jul. 2018a. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/1152/estresse-ansiedade-e-depressao-afetam-milhoes-de-brasileiros-por-ano.html>. Acesso em: jun. 2024.

RAMOS, M. C. S. Síndrome de Burnout: insatisfação ou exaustão. **Eu, rio**, Rio de Janeiro, 09 out. 2018b. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/2688/sindrome-de-burnout-insatisfacao-ou-exaustao.html>. Acesso em: jun. 2024.

RAMOS, M. C. S. Conheça as mudanças súbitas de humor: transtorno é bastante comum e confunde com bipolaridade. **Eu, rio**, Rio de Janeiro, 02 fev. 2019a. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/4974/conheca-a-doenca-de-mudancas-subitas-de-humor.html>. Acesso em: jul. 2024.

RAMOS, M. C. S. Prevenção ao mosquito da Zika, Dengue e Chikungunya. **Eu, rio**, Rio de Janeiro, 03 fev. 2019b. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/5005/prevencao-ao-mosquito-da-zika-dengue-e-chikungunya.html>. Acesso em: jun. 2024.

SILVA, T. **Racismo algorítmico.** Inteligência artificial e discriminação nas redes sociais. Edições Sesc: São Paulo, 2022.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. Resenhas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, fev., 2007.

VENÂNCIO, Luís. O jornal como um recurso de ensino-aprendizagem interdisciplinar. **Revista Primeira Evolução**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 24, p. 51–59, 2022.

VITO, A. C. O Uso do Jornal em Sala de Aula. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, XI, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2013.